

Política

RAYMUNDO COSTA



Mágicas e palpites na gestão do apagão

Afinal, quem está com a razão: o presidente da Aneel, Jerson Kelmann, que não descarta o risco de um apagão energético em 2008, ou o ministro das Minas e Energia, Nelson Hubner, que não só assegura este ano como garantiu que em 2009 o país também não terá problemas? Batizado de "ministro do apagão" na crise que, em 2001, eletrocutou o governo FHC, o ex-senador pefelista José Jorge carrega experiência suficiente para arbitrar a disputa: os dois estão rigorosamente certos.

Atualmente José Jorge é um dos quadros pefelistas que José Roberto Arruda abrigou no governo do Distrito Federal, onde se distinguem outros democratas como o ex-prefeito de Curitiba, Cássio Taniguchi. O ex-senador dirige a Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB) e estima que pode ocorrer com as autoridades do setor elétrico o mesmo que aconteceu com ele na virada do século. "Eu apaguei o apagão", costuma dizer.

Segundo José Jorge, o Brasil não sofreu um apagão entre 2000 e 2001, ao contrário do que se passa atualmente na Argentina, onde se verificam cortes inesperados de energia elétrica. Antes que se chegasse a isso o país recorreu ao racionamento, um recurso disponível porque, ao contrário da Argentina e também da Califórnia, o problema brasileiro não era físico, de equipamentos obsoletos ou na geração e transmissão de energia. O problema era falta de combustível, por razões que julga já terem sido suficientemente discutidas.

É como uma companhia que dispõe de 100 ônibus. Se ela tiver combustível para apenas 50 desses ônibus, não terá como colocar os 100 circulando nas horas de pico. Terá de administrar a circulação de modo que ela possa continuar atendendo passageiro; muito embora já não mais na mesma frequência de antes da crise.

No caso da Califórnia, e agora no caso argentino, o problema era de equipamento. "O que eles têm de equipamento é inferior ou está muito próximo da demanda", diz José Jorge. "O nosso caso é que nós não temos combustível. É diferente: não há apagão quando você não tem combustível. Você pode ter a geração que você quiser, só não pode é ter por muito tempo".

É por isso que José Jorge diz que não havia risco de apagão naquele momento, "a não ser que eu fosse irresponsável de consumir tanta água e deixar parar". Por isso, é que o governo é levado ao racionamento, "para segurar a água e segurar o gás, porque agora também não tem gás". Se for inconseqüente e gastar a água sem tomar nenhuma providência do lado da demanda, vai chegar a um momento de combustível zero. "Aí pára. Mas ninguém vai deixar fazer isso. Antes vai ter que ser feito um racionamento para ir segurando o combustível".

Pelas experiências de José Jorge, a questão do racionamento e do apagão não é uma questão de palpite de uma ou outra autoridade. "O fulano não pode assegurar que não vai ter nem o fulaninho garantir que vamos todos ficar no escuro. Na realidade existe um modelo matemático que calcula o preço da energia no mercado livre e é este modelo a verdadeira pitonisa do setor energético, algo assim como as contas do governo federal balizam a reação do mercado financeiro".

Trata-se de um modelo que leva em conta tudo o que existe no setor, todas as térmicas, a quantidade de gás disponível, toda a transmissão, todos os reservatórios, é complexo e funciona há anos. O valor da energia no mercado livre é toda semana estipulado a partir dos resultados gerados por esse modelo. Se alguma companhia fica "descontratada" — sem energia para atender a clientela — vai ao mercado e paga o preço estabelecido na ocasião pelo modelo, que é oficial e não trabalho isolado de alguma fundação.

É o que mostra atualmente o modelo matemático adotado pelo mercado. No ano passado, na segunda semana de janeiro, o modelo estipulava um preço de energia de R\$ 20 megawatts, que é menos do que o preço da energia oficial, de leilões, que é em torno de R\$ 100. Esse ano, o modelo determinou um preço de R\$ 250, no início do ano, e na segunda semana já estipulava R\$ 470 para o megawatts. O que é que o modelo está dizendo? Que não tem energia. Que de nada adianta a opinião de José Jorge, Hubner ou Kelmann — se não chover e subir o nível dos reservatórios, se não aparecer gás, o preço continuará subindo e o racionamento estará na linha do horizonte. Não tem mágica. O resto é palpite. O que o modelo diz é que a situação é grave.

Raymundo Costa é repórter especial de Política, em Brasília.

Escreve às terças-feiras

E-mail raymundo.costa@valor.com.br